

**A LENDA DA MANDIOCA COMO ESTRATÉGIA DE LEITURA
SIGNIFICATIVA: CULTURA AMAZÔNICA, GÊNERO TEXTUAL E
TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**THE LEGEND OF CASSAVA AS A STRATEGY FOR MEANINGFUL
READING: AMAZONIAN CULTURE, TEXTUAL GENRE, AND TRADITION
IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION**

Adrielly Soares Martins¹

Aldeyses de Souza Britto²

Flávia da Conceição Dias³

Marcos dos Santos Freitas⁴

Naylana Marinho Cardoso⁵

Roger de Souza de Alfaia⁶

Samia Sofia Lima Azevedo⁷

Tatiana dos Santos Colares⁸

Edinelza Macedo Ribeiro⁹

Resumo: Este artigo discute a utilização da lenda da mandioca como estratégia pedagógica de leitura significativa nas séries iniciais do Ensino Fundamental, relacionando-a à cultura amazônica e à prática

-
- 1 Acadêmica de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA)
 - 2 Acadêmica de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA)
 - 3 Acadêmica de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA)
 - 4 Acadêmica de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA)
 - 5 Acadêmica de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA)
 - 6 Acadêmica de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA)
 - 7 Acadêmica de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA)
 - 8 Acadêmica de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA)
 - 9 Doutora em Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília (UnB)

tradicional da produção de farinha de mandioca. Tem como objetivo geral analisar como a lenda da mandioca pode ser (re) significada na Educação Infantil como recurso didático de incentivo à leitura significativa. A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi realizada por meio de uma experiência de campo na comunidade Nova Esperança, em Parintins-AM, onde foram coletados dados através de entrevistas e observações. Os resultados da pesquisa mostram que a experiência vivenciada fortalece iniciativas pedagógicas que podem ser adequadas e replicadas na Educação Infantil. Adaptações com entrevistas, observações diretas, registros visuais e viagens de campo, tornam-se recursos fundamentais como suportes de leitura, interpretação e produção textual. Propor a leitura da lenda em sala de aula e, posteriormente fazer uma aula de campo onde as crianças possam ter contato com a natureza, contribui com uma interpretação mais real, pois desenvolve e estimula sua compreensão de mundo refletido na sua cultura. Assim, a imaginação, criatividade, linguagem e valores, como o respeito, diversidade e cooperação aproxima-o de um aprendizado no contexto familiar e comunitário. E isso representa uma leitura significativa.

Palavras-chaves: Lenda da Mandioca; Leitura Significativa; Tradição oral; Identidade cultural; Educação amazônica.

Abstract: This article discusses the use of the cassava legend as a pedagogical strategy for meaningful reading in the early grades of elementary school, relating it to Amazonian culture and the traditional practice of cassava flour production. Its general objective is to analyze how the cassava legend can be (re)signified in early childhood education as a didactic resource to encourage meaningful reading. The research, with a qualitative approach, was carried out through a field experience in the Nova Esperança community, in Parintins-AM, where data were collected through interviews and observations. The research results show that the experience strengthens pedagogical initiatives that can be adapted and replicated in early childhood education. Adaptations with interviews, direct observations, visual records, and field trips become fundamental resources as supports for reading, interpretation, and text

production. Proposing the reading of the legend in the classroom and, subsequently, conducting a field trip where children can have contact with nature, contributes to a more realistic interpretation, as it develops and stimulates their understanding of the world reflected in their culture. Thus, imagination, creativity, language, and values such as respect, diversity, and cooperation bring it closer to learning within the family and community context. And this represents meaningful reading.

Keywords: Legend of the Cassava; Meaningful Reading; Oral Tradition; Cultural Identity; Amazonian Education.

INTRODUÇÃO

A leitura significativa, quando ancorada na realidade sociocultural dos alunos, torna-se uma ferramenta poderosa para a formação leitora e para o fortalecimento da identidade cultural desde os anos iniciais da educação básica. Nesse contexto, o trabalho com gêneros textuais oriundos da tradição oral, como as lendas, possibilita não apenas o desenvolvimento de competências linguísticas, mas também, a valorização dos saberes locais e da diversidade cultural brasileira. O presente artigo, intitulado “A Lenda da Mandioca como Estratégia de Leitura Significativa: Cultura Amazônica, Gênero Textual e Tradição na Educação Infantil”, propõe uma reflexão sobre o uso pedagógico da lenda da mandioca como recurso didático nas séries iniciais do Ensino Fundamental, tendo como pano de fundo a cultura amazônica e a prática tradicional de produção de farinha de mandioca.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), no componente de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental – Anos Iniciais, é essencial trabalhar com textos orais e escritos que fazem parte do repertório sociocultural dos alunos, incluindo gêneros da tradição oral, como mitos, fábulas, contos e lendas. De acordo com o documento normativo do Ministério da Educação, ao explorar essas narrativas, o professor amplia o contato dos estudantes com diferentes formas de linguagem, favorecendo a leitura crítica e o reconhecimento das múltiplas identidades

culturais presentes no país.

Em face do exposto a presente proposta tem como objetivo geral analisar como a lenda da mandioca pode ser (re) significada na Educação Infantil como recurso didático de incentivo à leitura significativa. Já os eixos específicos da investigação foram os seguintes: compreender como a Lenda da Mandioca pode ser utilizada como estratégia de leitura significativa, identificar as possibilidades pedagógicas da lenda enquanto gênero textual, valorizando a cultura amazônica e fortalecendo a construção da identidade cultural das crianças e, investigar de que forma a inserção de narrativas da tradição oral amazônica no cotidiano escolar pode favorecer práticas de ensino contextualizadas e culturalmente significativas na Educação Infantil

Enquanto narrativa simbólica a referida lenda se enquadra no gênero do folclore e contos indígenas, ilustrando a origem da raiz da mandioca como um alimento nutritivo e essencial para alimentação dos indígenas. A história reflete a cosmovisão dos povos Tupi, valorizando a terra, os rituais e a gratidão pela natureza. É por meio desses conhecimentos prévios articulados com o mundo do leitor que se reconstrói um aprendizado significativo e refletido na vida real. É nesse sentido que proposta se apresenta como alternativa de leitura significativa com práticas interdisciplinares que podem contextualizar com saberes da cultura local, alimentação tradicional e história dos povos tradicionais, a exemplo disso, os povos indígenas e os ribeirinhos que habitam a Região Norte do Brasil.

Trabalhar a cultura indígena na Educação Infantil significa despertar o respeito à diversidade, combater preconceitos e valorizar as raízes do Brasil, promovendo uma visão de mundo mais ampla, empática e sustentável nas crianças, por meio de vivências sensoriais, artísticas e do reconhecimento de diferentes modos de vida, saberes e a conexão profunda com a natureza.

A pesquisa foi desenvolvida com base em uma abordagem qualitativa, conforme propõe Neves (1996), que entende esse tipo de pesquisa como voltado à interpretação de fenômenos sociais a partir da escuta, da observação e da interação com sujeitos em seus contextos reais. A metodologia adotada contemplou a organização de grupos de trabalho. O grupo responsável pela lenda realizou

levantamento teórico, planejou a abordagem de campo e distribuiu funções específicas, como roteirização de entrevistas, gravação, transcrição e observação. A coleta de dados foi realizada em uma visita à comunidade Nova Esperança, localizada na zona rural da cidade de Parintins, onde foram entrevistados moradores locais e observadas as práticas tradicionais relacionadas à mandioca, incluindo o cultivo, o processamento e a fabricação artesanal da farinha.

Este artigo está estruturado em cinco partes principais: na primeira, apresenta-se uma fundamentação teórica sobre o gênero lenda e sua importância como instrumento pedagógico nas séries iniciais; na segunda, descreve-se a metodologia adotada para a realização da pesquisa de campo; na terceira, são analisadas as entrevistas e observações realizadas na comunidade Nova Esperança; na quarta parte, discute-se o processo de fabricação da farinha de mandioca em diálogo com a lenda; e, por fim, na quinta parte, reflete-se sobre a relevância de inserir essas práticas e narrativas na escola como estratégias de leitura com significado cultural e identitário.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O gênero textual lenda integra o repertório da tradição oral e desempenha papel fundamental na preservação da memória coletiva e na construção da identidade cultural de um povo. Ao fundir elementos reais com o fantástico ou sobrenatural, as lendas explicam, de forma simbólica, a origem de fenômenos naturais, costumes sociais e práticas culturais. Conforme define Luiz da Câmara Cascudo (2001, p. 511), “a lenda possui características de fixação geográfica e pequena deformação”, o que indica sua forte ligação com um território específico e com a cultura local. Essa particularidade faz com que a lenda seja um importante instrumento para trabalhar, na escola, conteúdos que articulam linguagem, cultura e pertencimento.

A lenda da mandioca, por exemplo, amplamente conhecida entre povos indígenas e difundida no imaginário popular brasileiro, apresenta-se como narrativa simbólica que explica a origem de um dos alimentos centrais da cultura alimentar indígena. A simbologia presente nas narrativas dessa lenda

expressa não apenas uma explicação mítica para a origem de um bem natural, mas também, revela o modo como uma cultura atribui sentido à vida e à natureza. Nesse sentido, o trabalho pedagógico com essa lenda permite aos alunos reconhecerem saberes tradicionais e valorizarem outras formas de conhecimento.

A importância das lendas como gênero textual no ambiente escolar está relacionada ao seu potencial de motivar o interesse pela leitura e possibilitar o desenvolvimento de competências de linguagem. Por serem narrativas envolventes, com personagens simbólicos e desfechos explicativos, as lendas favorecem a escuta atenta, a interpretação e a reconstrução textual competências fundamentais nos anos iniciais. Cascudo (2001) define a lenda como “episódio heroico ou sentimental com o elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo” (p. 511), reforçando seu valor como patrimônio oral e como recurso didático.

Além disso, a lenda apresenta afinidade com os contos populares, partilhando com características como anonimato, transmissão oral e permanência histórica. Conforme destaca Londres (2001), “toda oralidade nos aparece mais ou menos como sobrevivência, reemergência de um antes, de um início, de uma origem” (p. 27). Assim, ao serem trabalhadas na escola, as lendas promovem uma conexão com formas antigas de narrativa que ainda permanecem vivas, abrindo espaço para a valorização de saberes não escolares e para o fortalecimento da identidade cultural dos estudantes.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) reconhece a importância da diversidade textual e cultural no processo de alfabetização e letramento. Para o componente de Língua Portuguesa, a proposta propõe o trabalho com diversos gêneros discursivos, incluindo textos da tradição oral, com o objetivo de ampliar o repertório linguístico dos alunos e promover a leitura de forma crítica e significativa. Recomenda que os textos trabalhados em sala de aula estejam vinculados ao “repertório sociocultural dos estudantes” e valorizem as manifestações culturais das comunidades (BNCC, 2017). Assim, o uso de lendas em contextos educativos contribui para a construção de uma escola que reconhece e respeita as identidades locais.

Nesse cenário, as lendas podem ser utilizadas como ponto de partida para o desenvolvimento

de projetos interdisciplinares que articulem leitura, cultura e história, favorecendo o protagonismo dos alunos e o reconhecimento da diversidade cultural brasileira. Ao trabalhar lendas como a da mandioca, por exemplo, o educador promove o contato com tradições indígenas, amplia a visão de mundo dos estudantes e estimula práticas de leitura com sentido social. Ao articular a leitura à cultura, estabelece diretrizes que apontam para uma prática pedagógica que valoriza as múltiplas linguagens e os diferentes modos de produção de conhecimento (BNCC, 2017).

METODOLOGIA

Segundo Neves (1996), a pesquisa qualitativa assume múltiplos significados dentro das ciências sociais, abrangendo um amplo conjunto de técnicas interpretativas. Nesse contexto, destacam-se a entrevista não estruturada, a entrevista semiestruturada, a observação participante e a observação estruturada, além da metodologia de grupo focal. O propósito dessas abordagens é descrever, interpretar e decodificar os elementos que compõem sistemas complexos de significados, permitindo uma compreensão mais profunda dos fenômenos estudados.

Com base na abordagem interpretativa mencionada, Woortmann & Woortmann (1997) concordam que a pesquisa de campo deve ser conduzida em pelo menos duas etapas. A primeira corresponde a uma viagem de reconhecimento, momento em que o pesquisador percorre a comunidade-alvo, estabelece os primeiros contatos com seus moradores, coleta dados secundários e interage com autoridades locais, lideranças e outros atores relevantes. A partir das informações obtidas nessa fase inicial, é possível estruturar um novo roteiro de entrevistas, desta vez mais detalhadas e prolongadas, permitindo uma interação mais próxima com as famílias camponesas da região estudada. Esse convívio possibilita a apreensão de valores e a identificação de categorias de pensamento e ação, fundamentais para aprofundar as análises durante as entrevistas subsequentes.

A metodologia adotada para esta pesquisa envolveu diversas etapas. O processo teve início com o planejamento da viagem, no qual foram organizados grupos para cada gênero textual. Nosso

grupo ficou responsável pelo gênero lenda, realizando extensas pesquisas bibliográficas sobre o tema proposto. A partir dessa base teórica foi organizada a pesquisa de campo, definindo claramente a divisão das tarefas entre os membros do grupo. Cada integrante assumiu responsabilidades específicas, incluindo filmagem, transcrição de áudios e organização do roteiro para entrevistas, para garantir um levantamento de dados. A pesquisa de campo foi realizada com um deslocamento para a Vila Amazônica, onde se buscou aprofundar a compreensão sobre aspectos locais e culturais. Durante essa etapa, foi possível observar detalhadamente o ambiente, as práticas comunitárias e, em especial, o processo artesanal de produção da farinha. Além da observação direta, também foi conduzida uma coleta sistemática de dados, utilizando entrevistas estruturadas e previamente elaboradas com os moradores da região. Esse contato permitiu um acesso mais amplo à realidade local, possibilitando a obtenção de informações sobre técnicas tradicionais, conhecimentos culturais e a relação do homem com a produção artesanal.

A integração entre a observação e as entrevistas favoreceu uma análise mais detalhada, contribuindo para a compreensão das vivências dos moradores e proporcionando uma base sólida para a investigação científica.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na sequência, serão apresentados os resultados da pesquisa obtidos por meio da aula de campo na comunidade Nova Esperança, no Distrito de Santa Maria de Vila Amazônia, no município de Parintins- AM.

A VERSÃO DA LENDA DA MANDIOCA CONTADA PELOS MORADORES DA COMUNIDADE NOVA ESPERANÇA

Durante a visita de campo à comunidade Nova Esperança, no Distrito de Santa Maria de

Vila Amazônia, município de Parintins-AM, foi realizada uma entrevista com dois moradores locais, o Sr. Irailton Salgueiro de Souza, de 50 anos, e a Sra. Áurea, de 47 anos, ambos artesãos e residentes na comunidade desde o ano de 1991. O objetivo da entrevista foi compreender como a lenda da mandioca é conhecida e transmitida entre os membros da comunidade. Ao serem questionados sobre a familiaridade com a lenda, o Sr. Irailton afirmou já ter ouvido falar na “lenda da maniva” (forma popular de se referir à lenda da mandioca) embora não tivesse muita afinidade com os detalhes da narrativa. Ele destacou que tomou conhecimento da história por meio de um folheto distribuído durante a Festa da Mandioca, realizada na região de Juruti Velho-PA, onde a cultura indígena é frequentemente celebrada e valorizada.

Conforme a versão compartilhada por ele: ... “Ela conta que foi uma índia que morreu [...] uma coisa assim, uma fatalidade. Eles cavaram a cova dela e enterraram. E logo depois nasceu um pé de árvore ali. Igual a do guaraná, né? E aí nasceu o pé de mandioca. Dizem que é por isso o nome mandioca vem do tupi-guarani: ‘mandi’ quer dizer mãe, e ‘oca’, casa. Mãe de casa. É por isso que a planta dá farinha, sustento... Por isso é tão importante.”

Há muito tempo no seio da floresta amazônica, em uma tribo, havia uma indígena que estava grávida. Depois de alguns meses ela deu luz à uma linda bebê. No entanto, essa pequena criança nasceu diferente das outras do seu povo, ela nasceu branca e por causa disso ela foi chamada pelo nome Mani.

O tempo passou e Mani cresceu. Porém, um fato triste aconteceu, a criança adoeceu gravemente e nenhuma erva medicinal da floresta ajudava a curar sua enfermidade, por isso, Mani foi ficando muito fraca, até que veio a falecer.

Todos os moradores da aldeia ficaram muito tristes, todos choraram muito. Como ela era muito querida por todos, o pajé decidiu que iriam enterrá-la no centro da aldeia. Quando isso aconteceu, sua mãe se deitou por sobre a cova em que estava Mani, e chorou muito, tantas lágrimas desceram que molharam a terra que Mani estava enterrada.

Dias se passaram, a mãe da menina ainda estava muito triste pela perda de Mani, e decidiu

ir visitar o lugar em que estava enterrada sua filha. Quando chegou se deparou com uma planta na cova de Mani, ao mesmo tempo que ficou assustada, também surgiu curiosidade, então, ela arranca a planta, talvez na tentativa de rever sua filha, mas o que ela encontra são raízes. De repente todos começam a chegar e ficar ao redor querendo saber o que está acontecendo.

O pajé, que é o chefe da tribo, pega as raízes da mão da mulher e percebe que elas possuem cascas, e que ao retirá-las surge uma parte branca, que eles compararam com a cor da menina, e decidem chamar a planta pelo nome da criança que ali fora enterrada, Mani (mãe) e acrescentaram oca (casa), porque trouxe o alimento para casa. Hoje, conhecida como mandioca, que é a mãe que nos dá alimento, o sustento da casa. A mãe terra, no qual sustenta a nossa casa, a natureza.

Ao ser perguntado sobre os personagens da narrativa, Irailton lembrou o nome da personagem principal: “Lembro da índia que morreu. Mani. Faz muitos anos que não ouço essa lenda, mas o nome dela era Mani.” O entrevistado ainda mencionou que, segundo a história, Mani teria sido enterrada no centro da aldeia, e que do local do seu sepultamento teria brotado a primeira planta da mandioca. Quando questionado sobre o significado da lenda, ele refletiu sobre a ligação simbólica entre o mito e a prática agrícola: “Pra mim era só uma lenda. Mas depois que tu começa a ver o plantio da mandioca, tem muita coisa que bate com o que tá na história. Se for só lenda, foi uma coisa muito bem pensada pra escrever.”

A versão relatada por Irailton, embora resumida, preserva os principais elementos da narrativa tradicional indígena: a figura da jovem indígena Mani, sua morte misteriosa, o sepultamento e o surgimento da planta que se tornaria símbolo de sustento da mandioca. A explicação etimológica do nome também revela um conhecimento da cultura tupi, reforçando o elo entre linguagem, mito e cotidiano.

Além disso, a fala do entrevistado ilustra um aspecto importante da oralidade: a memória coletiva tende a preservar o essencial da narrativa, mesmo quando os detalhes se esvaem com o tempo. A reflexão final de Irailton sugere que, mesmo entre os que tratam a lenda como um simples mito, há um reconhecimento de sua coerência simbólica e de sua conexão com o modo de vida

tradicional, principalmente o cultivo da mandioca como fonte de alimentação e identidade cultural.

O PROCESSO ARTESANAL DE FABRICAÇÃO DA FARINHA DE MANDIOCA REALIZADO PELA COMUNIDADE

A produção artesanal da farinha de mandioca é uma prática tradicional profundamente enraizada na vida de muitas comunidades da região amazônica, como a Nova Esperança. Esse processo envolve diversos saberes passados de geração em geração, combinando técnicas ancestrais com o trabalho manual coletivo. A seguir, descrevem-se as principais etapas que compõem essa atividade:

Plantio da maniva

Tudo começa com o plantio da maniva, nome dado à parte superior da mandioca o caule com folhas que é utilizada como muda. Ela é fincada diretamente no solo, geralmente em pequenas clareiras abertas manualmente na mata ou em roçados preparados pela comunidade. A mandioca leva de seis meses a um ano para atingir o ponto ideal de colheita, dependendo da variedade cultivada e das condições climáticas.

Colheita

Quando a planta está madura, inicia-se a colheita. Com o uso de enxadas ou mesmo com as mãos, os agricultores puxam o caule e desenterram as raízes da mandioca, também conhecidas como tubérculos. Essa etapa exige força física e cuidado para não danificar as raízes, que são a matéria-prima principal para a fabricação da farinha.

Descasque da mandioca

Após a colheita, as raízes são descascadas uma a uma manualmente. Esse trabalho, geralmente feito em grupo, consiste em retirar a casca grossa que reveste a mandioca, revelando a polpa branca no interior. A casca é descartada, e a mandioca limpa é lavada para a próxima etapa.

Deixar de molho

As raízes descascadas são colocadas de molho na gareira com água. Esse processo tem como objetivo amolecer a mandioca, facilitando sua trituração e ajudando também a reduzir o teor de ácido cianídrico presente na planta, tornando-a segura para o consumo.

Ralação ou serragem

Depois de ficarem de molho por um período de 3 a 7 dias adequado, as raízes são raladas ou “serradas” em equipamentos manuais ou elétricos, transformando a mandioca em uma massa úmida e fibrosa. Essa etapa é fundamental para garantir uma textura uniforme e facilitar a extração do líquido.

Prensagem

A massa resultante da serragem é colocada em prensas (também chamadas de tipitis ou em prensas de madeira e ferro), com o objetivo de extrair o líquido conhecido como tucupí. Essa substância amarelada é altamente ácida e deve ser separada, restando apenas a parte sólida da massa, que será transformada em farinha.

Peneiração da massa

A massa seca é então peneirada manualmente para separar as fibras maiores e garantir uma granulação mais fina e homogênea. Essa etapa prepara a matéria-prima final que será levada ao forno.

Torrefação no forno

Por fim, a massa peneirada é levada ao forno, onde será torrada em fogo baixo sobre grandes tachos de metal, mexida constantemente com uma pá de madeira. Esse processo transforma a massa em farinha seca, crocante e dourada, pronta para o consumo. A farinha resultante pode ser usada de diversas formas na alimentação cotidiana e é considerada um alimento-base na dieta regional.

A RELAÇÃO ENTRE A LENDA DA MANDIOCA E O COTIDIANO DA COMUNIDADE

Durante a entrevista realizada na comunidade Nova Esperança, ficou evidente que a lenda da mandioca, apesar de conhecida por alguns moradores mais antigos, tem se distanciado das gerações mais novas. O Sr. Irailton Salgueiro de Souza, artesão e morador da comunidade desde a década de 1990, compartilhou sua percepção sobre o significado simbólico da lenda e a importância de sua preservação no cotidiano local. Ao ser questionado sobre o valor da narrativa, Irailton afirmou: “É uma lição de vida, né? Que ela morreu pelo bem da humanidade, do povo dela.” Esse trecho destaca o caráter mítico e educativo da lenda, onde a figura de Mani a menina indígena que, ao morrer, dá origem à mandioca simboliza o sacrifício em prol do coletivo. Trata-se de uma metáfora poderosa sobre origem, fertilidade e sustento, aspectos fundamentais da vida em comunidades amazônicas que dependem da agricultura familiar, especialmente do cultivo da mandioca.

Contudo, o entrevistado lamenta a ausência da lenda no contexto atual da educação infantil: “Não está sendo contada. Ninguém sabe nem quem é a Mani na vida.” Esse relato revela uma ruptura

no processo de transmissão oral das histórias tradicionais, que antes eram contadas entre gerações como forma de fortalecer a identidade cultural. Na visão do entrevistado, essa lacuna contribui para o apagamento das raízes culturais da comunidade e evidencia a necessidade de valorização das narrativas locais.

Ao refletir sobre a importância de manter viva essa tradição, ele reforça: “Eu acho que deve ser contada porque, assim, nem vocês sabiam que ‘Mãe de Oca’ seria ‘Mãe de Casa’, entendeu?”

A etimologia da palavra “mandioca”, do tupi *mandi* (mãe) e *oca* (casa), carrega uma carga simbólica que liga o alimento ao espaço doméstico, à nutrição e ao cuidado. Essa explicação, além de valorizar a língua indígena, reforça o quanto o mito está inserido na prática cotidiana da comunidade, especialmente no preparo da farinha, principal produto derivado da mandioca.

Ao final da entrevista, o Sr. Irailton fez um apelo à valorização das lendas locais: “Eu acho que as nossas lendas devem ser mais contadas, devem ser levadas mais pro povo infantil. Porque contam mais lenda que não tem nada a ver com a gente se contam, mais a gente se afasta da nossa cultura. Acho que seria melhor contar nossas histórias do que o Sítio do Pica-Pau Amarelo, que não tem nada a ver com a gente.”

Essa fala ressalta um ponto essencial para a análise: a substituição das narrativas tradicionais amazônicas por histórias alheias à realidade local contribui para o enfraquecimento da identidade cultural das novas gerações. A ausência da lenda da mandioca no cotidiano infantil representa não apenas a perda de um conhecimento tradicional, mas também de uma ferramenta educativa que conecta valores, história e pertencimento.

Dessa forma, percebe-se que há uma relação simbólica e afetiva entre a lenda da mandioca e a vida na comunidade. Embora não esteja mais presente de forma ativa na educação informal das crianças, ela ainda vive na memória dos adultos e nas práticas que envolvem o cultivo, preparo e consumo da mandioca. Recontar essas histórias é, portanto, uma forma de resistência cultural e de reafirmação da identidade amazônica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho evidenciou a relevância de integrar a leitura de gêneros textuais da tradição oral, como a lenda da mandioca, ao ensino nas séries iniciais do Ensino Fundamental, especialmente quando esses textos dialogam com a cultura local dos alunos. A proposta teve como objetivo principal analisar como a lenda da mandioca pode ser (re) significada na Educação Infantil como recurso didático de incentivo à leitura significativa. Diante dos dados coletados e da vivência realizada, pode-se afirmar que os objetivos da pesquisa foram plenamente atingidos.

A experiência de campo proporcionou um contato direto com o modo de vida da comunidade e revelou o valor simbólico e cultural que a lenda ainda possui, mesmo que sua presença esteja se tornando menos frequente entre as novas gerações. A entrevista realizada com moradores locais, aliada à observação do processo artesanal de fabricação da farinha de mandioca, permitiu compreender como mito, território e trabalho se articulam no cotidiano da população amazônica. Essa vivência trouxe não apenas informações, mas também reflexões sobre pertencimento, ancestralidade e identidade cultural aspectos vezes ausentes no conteúdo escolar tradicional.

Considera-se que a experiência vivenciada fortalece iniciativas pedagógicas que podem ser adequadas e replicadas na Educação Infantil. Adaptações com entrevistas, observações diretas, registros visuais e viagens de campo, tornam-se recursos fundamentais como suportes de leitura, interpretação e produção textual. Propor a leitura da lenda em sala de aula e, posteriormente fazer uma aula de campo onde as crianças possam ter contato com a natureza, contribui com uma interpretação mais real, pois desenvolve e estimula sua compreensão de mundo refletido na sua cultura. Assim, a imaginação, criatividade, linguagem e valores, como o respeito, diversidade e cooperação aproximam de um aprendizado no contexto familiar e comunitário. E isso representa uma leitura significativa.

Enfim, este trabalho reafirma que a lenda da mandioca, como manifestação da tradição oral e expressão simbólica da cultura amazônica, deve ser (re)significada no ambiente escolar não apenas

como um texto literário, mas como uma ferramenta pedagógica capaz de conectar leitura, identidade e território.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 06 jun. 2025.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. 10. Ed. São Paulo: Global, 2001. Xxvi, 768 p. il. ISBN 8526006444.

LONDRES, Cecília. Cultura e saber do povo: uma perspectiva antropológica. Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 147, p. 69–78, out./dez. 2001.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa – características, uso e possibilidades: Cadernos de pesquisa em administração, São Paulo. V. 1, nº 3, 2ºsem. 1996.

WOORTMANN, E. & WOORTMANN, K. O trabalho da terra. Brasília: Editora UNB, 1997. P. 7-17.

ANEXOS



